

Organização:

Sarita Amaro



NOVA PRÁXIS

EDITORIAL

1. Matilde

uma história em
várias narrativas

© Nova Práxis Editorial - 2025

Porto Alegre, RS

1ª edição

Capa: Tatiane Galheiro

Revisão: Virgínia Ayres

Projeto editorial: Nova Práxis Editorial

Diagramação: Tatiane Galheiro

Conselho editorial científico

Amauri Tadeu Barbosa Nogueira	Matilde Ribeiro
Adriéli Volpato Craveiro	Maria de Fátima Gomes de Lucena
Ana Cristina de Sá	Maria Ozanira da Silva e Silva
Celeste Leite dos Santos	Marilú Fontoura de Medeiros
Claudete de Sousa Nogueira	Marta Regina Furlan
Eduardo Augusto Farias	Muniz Sodré
Francisco Pereira Costa	Regina Célia Di Ciommo
Francisco Gómez-Gómez	Reinaldo Nobre Pontes
Gianmarco Loures Ferreira	Sarita Amaro
José Antônio Rosa	Suzana Albornoz
Leonardo Carvalho de Souza	Vera Lúcia Freitag
Lívia Caetano da Silva Leão	Véronique Durand
Madalena Sofia Oliveira	Yone Lindgren

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Carla Lopes Ferreira (Bibliotecária CRB1-2960)

A485m

Amaro, Sarita (org.)

Matilde : uma história em várias narrativas. / Sarita Amaro (org.). – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Nova Práxis Editorial, 2025.

131 p. ; 14x21cm.

ISBN 978-65-80599-88-2 (ebook : PDF)

1. Biografias. 2. Mulheres brasileiras. 3. Personalidades brasileiras. 4. Educação antirracista. 5. Combate ao racismo. 6. Relações étnico-raciais na escola. 7. Práticas pedagógicas de combate ao racismo. 8. Direitos sociais. 9. Direitos civis – população negra - Brasil. I. Título.

CDU 929:37.014.5

CDD 370.196

Índices para catálogo sistemático

- Inclusão e diversidade no ambiente educacional 37.014.51
- Protocolos e diretrizes educacionais 37.014
- Educação para direitos humanos 37.015.2

As fotos contidas na obra são em parte públicas (obtidas por meio de pesquisa na internet) e em parte originárias do acervo individual dos autores (amigos de Matilde Ribeiro que assinam as narrativas), tendo sido previamente autorizadas para uso editorial, publicitário e comercial quando foram voluntariamente disponibilizadas pelos próprios. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9610, de 19/12/1998. É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem a prévia autorização da Nova Práxis Editorial.

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Deixe-nos surpreender você!

novapraxiseditorial.livros@gmail.com

www.novapraxiseditorial.com

Mostardeiro, 777 - 1401, Rio Branco - Porto Alegre - RS - Brasil | CEP 90430-001



Matilde é necessária, é força ancestral, é gente nossa, uma irmã e um vento de justiça contra as desigualdades. Nosso baluarte. Não mexam com ela, respeitem! Por que os passos dela vêm de longe!

Sarita Amaro
(organizadora)



Sumário



Apresentação	8
Quem é Matilde Ribeiro?	10
Valú Ribeiro	12
Marilda de Oliveira Lemos	16
Vera Duarte Lobo de Pina	20
Maria Amélia de Almeida Teles	24
Valéria Maria de Massarani Gonelli	30
Tatiana Dias Silva	36
Douglas Martins	40
Elis e Vitor Trindade	44
Denise Ferreira	48
Amailton Magno Azevedo	52
Silmara Conchão	56
Pedro Cavalcante	60
Marlise Vinagre	64
Márcia da Silva Clemente	68
Lucas Scaravelli da Silva	72

Leila de Almeida Ramos.....	78
Francisco Vítor Macêdo Pereira	82
Evaldo Ribeiro Oliveira.....	87
Ivan Costa Lima	88
Elen Coutinho.....	92
Edna Regina da Silva.....	98
Cristiane Santos Souza.....	102
Bárbara Oliveira Souza.....	106
Suelma Inês de Deus.....	110
Augústa Santhos.....	110
Vanessa Daniela França	110
Eduardo Augusto Farias	114



Apresentação

“Matilde Ribeiro, mulher negra, brasileira, nascida em 29 de julho de 1960, é assistente social, professora universitária e ativista política. Entre 2003-2008, foi ministra-chefe da SEPPIR na primeira presidência do Governo Lula. É uma das principais referências na luta antirracista e na defesa de ações afirmativas no Brasil” Esta breve apresentação, facilmente encontrada em consultas na internet, já justifica porque estamos homenageando – ou como se diz por aqui “femenageando” – Matilde.

No Brasil de tantas contradições, o resgate da história de ícones como Matilde, retumbam como tambores, quebrando silenciamentos, opressões e desigualdades; perspectivando novas realidades. Mas como contar a história de uma personalidade que é coletiva e que “respira” ancestralidade? Nesta coleção Biografias & Práxis escolhemos o caminho plural, de múltiplas vozes, regado a narrativas significativas.

O processo de coleta das narrativas não foi linear; foi espiral de diálogos, de aproximações, de (re)conhecimento sobre Matilde, sobre o Brasil, sobre as lutas que nos unem, sobre todos nós.

Afinal, uma HISTÓRIA, se faz de muitas passagens, caminhadas, lutas, lágrimas e sonhos partilhados. Ou seja: história não se faz só, se faz em comunhão. E a cada narrativa e foto que se somava, vimos revelarem-se histórias dentro de histórias, relatos dentro de relatos, entrelaçados, imbricados.

E, assim, fomos compondo um lindo desenho dos aspectos humanos, profissionais, políticos, sociais e culturais, que representam Matilde e sua presença no mundo.

Nos reunimos para falar sobre Matilde e nos vimos retratando mais do que ela mesma, o Brasil, a humanidade, a sensibilidade, a força e a superação, que corre em suas veias. Por que conviver com Matilde é aula diária: de dialética, de emotividade, de empoderamento, de aquilombamento.

Esta obra é, portanto, tecida por quem com ela caminhou, e por quem a admira.

Eu e os(as) estimados(as) autores(as) das narrativas aqui contidas, mais do que honrados(as) amigos(as), nos tornamos biógrafos(as) e guardiões(ãs) de sua memória, de seus feitos e de sua importância histórica.

Por que - como dizia uma autora, nos bastidores da produção desse livro - “Matilde é nossa amiga, nossa mãe, nossa irmã, nosso baluarte, nosso monumento.”

E sendo “monumento”, como bem imaterial, precisamos guardar, zelar e honrar.

Obrigada a cada um(a) que aqui escreve e a cada um(a) que lê essas páginas inspiradoras.

Mas, acima de tudo: obrigada Matilde!

Axé!

Sarita Amaro

(organizadora)

Assistente social, Dra. e Pós-Doc em Serviço Social

Diretora da Nova Práxis Editorial

Quem é Matilde Ribeiro?

Nascida no interior de São Paulo e moradora em Fortaleza/Ceará, Matilde Ribeiro, é Doutora em Serviço Social pela PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e titulação de Doutora Honoris Causa da Fundação Universidade Federal do ABC (UFABC), atua como professora no Instituto de Humanidades/Área de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) em Redenção/Ceará, e lidera o Grupo AMANDLA: estudo, pesquisa e extensão sobre políticas públicas de gênero, raça/etnia, e territorialidade. No período de 2023 a 2025 realizou o Pós-doutorado na área de Relações Internacionais da UFABC – Universidade Federal do ABC desenvolvendo a pesquisa – Cooperação Internacional sobre políticas públicas educacionais entre 2003 e 2016: Brasil e países africanos de língua portuguesa. Foi a primeira-ministra da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Governo Lula 2003/8), Secretária Adjunta da Promoção da Igualdade Racial (Governo Haddad-SP, 2013/4) implementando políticas nacionais e locais, investindo sobretudo no fortalecimento de gestoras/es no campo da igualdade racial.



Na área de pesquisa integra: a Coordenadoria de Estudos da África do Centro de Estudos Avançados da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); o Projeto Temático de Pesquisa (PTP) “Racismo e seu enfrentamento em múltiplas dimensões” no âmbito da cooperação e agendas da África e das diásporas africanas e o Núcleo de Movimentos Sociais (NEMOS, Serviço Social) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); o Núcleo de Estudos Africanos e Afro brasileiros da UFABC e o Núcleo de Estudos Africanos, Afro-brasileiros e Indígenas (NEAABI/UNILAB).

Integra o Conselho África do Instituto Lula, o Conselho da Revista Estudos Feministas e o NAAP Igualdade Racial – Núcleo de Análises em Políticas Públicas da Fundação Perseu Abramo. Ativista do Movimento Feminista, do Movimento Negro e da organização de mulheres negras, tem sido referência no debate antirracista, inspirando vários profissionais, pesquisadores e lideranças com seus textos publicados em revistas e livros. Destaque para suas obras com a Nova Práxis Editorial: a coautoria no livro “O Serviço Social e o Combate ao Racismo: Diálogos” (2019); o artigo nas obras “Questão social, políticas sociais e direitos já!” (2022), a participação nos volumes da Antologia “Corações Inquietos” (2022, 2023) e principalmente, na Coleção “Temas Insurgentes”, compostas dos volumes: I – Mulheres Negras em Movimento; II – Bicentenário da Independência no Brasil, e III - Tramas e trilhas das Políticas de Ação Afirmativa para as Populações Negras do Brasil. Matilde integra o Conselho Editorial da Nova Práxis Editorial.

email: ribeiromatilde2019@gmail.com

“

Valú Ribeiro






Sempre digo que Matilde é perigosa, uma força a ser reconhecida. Não porque inspire medo, mas porque sua determinação e resiliência são verdadeiramente avassaladoras. Conheço Matilde desde os primórdios da minha existência. Crescemos sob o mesmo teto, dividindo momentos, sonhos e desafios.

Desde sempre, ela tem estado ao meu lado, enfrentando a vida com uma coragem inabalável e uma persistência admirável. Suas realizações são extraordinárias, muitas vezes excedendo as expectativas mais ambiciosas.

É como se ela carregasse em si uma força felina indomável, fazendo jus ao seu signo de Leão, capaz de transpor barreiras, atravessar fronteiras e transformar o impossível em realidade. Essa audácia intrínseca, permeia todos os aspectos de sua vida. Como irmã, Matilde é um alicerce; como profissional, uma fonte de inspiração que conquista admiração por onde passa.



Suas ações frequentemente desafiam a lógica, criando possibilidades onde antes só havia limitações. Ela transforma o inimaginável em algo concreto, convertendo cada dia em uma nova conquista, não apenas em termos de resultados, mas também em superação pessoal e coragem frente às adversidades. Matilde jamais permite que algo permaneça estático. Mesmo diante das limitações impostas pelos sistemas, ela encontra caminhos para contornar os obstáculos e avançar com determinação.

Escritora, poeta, assistente social, professora, ela transita com maestria entre esses papéis, desempenhando cada um com paixão e excelência.

No entanto, a sua maior virtude é a capacidade de transformar vidas. Sua habilidade de inspirar, encorajar e elevar aqueles ao seu redor é o que mais me fascina. Sou profundamente grata por cada iniciativa, cada sonho e cada propósito que ela persegue, sempre com a visão de um mundo melhor para todos.

Valú Ribeiro

é fotógrafa, educadora e artista visual, reconhecida por seu trabalho que une arte e cultura afro-diaspórica.

“

**Marilda
de Oliveira
Lemos**





Minha singela femenagem

a ti Matilde

Mulher preta

Alegremente amorosa

Trabalha em excesso

Irrequieta e intensa

Livre

Desobediente

És a pessoa que altera minha agenda,
ainda hoje.

Conheci Matilde Ribeiro em 1999. Trabalhamos juntas em Santo André, quando ela era Assessora dos Direitos da Mulheres na prefeitura.

Minha vida nunca mais foi a mesma desde que a conheci.

Trabalhamos muito. Ficamos amigas e fomos felizes.

Matilde contribuiu para que eu nunca perdesse o brilho dos olhos.

Obrigada, Matilde, por tua vida ter atravessado a minha.

Beijo grande.

Marilda de Oliveira Lemos

Assistente social e Teóloga

Dr^a. em Ciências Sociais

Militante feminista



“


Vera
Duarte
Lobo de
Pina





Só se pode homenagear pessoas que realizem feitos relevantes para a sociedade, como a nossa querida Matilde Ribeiro, que não tem medido sacrifícios e renúncias, enfrentando as lutas de peito aberto, para que todos os seres humanos possam viver sem racismos, sem humilhações, sem temores e sem exclusões. Homens e mulheres de boa vontade apenas desejam paz e amor para a humanidade.

Só que no caminho eivado de espinhos, que é necessário percorrer para atingirmos esse desiderato, é importante honrarmos as atitudes daqueles que, tal como Matilde, muito têm feito para a construção de uma sociedade igualitária e justa. Uma das iniciativas que muito me entusiasmou enquanto Ministra da Educação e Ensino Superior foi, sem dúvida, a criação da universidade afro-luso-brasileira, a UNILAB. O projeto veio do presidente Lula da Silva e foi recebido com alegria pelos países africanos de língua oficial portuguesa.



Podem assim imaginar qual não foi o meu contentamento quando vim a encontrar Matilde a dar aulas nessa universidade?
Obrigada Matilde por ajudares a estreitar os laços de irmandade entre os povos de África e do Brasil!

Vera Duarte Lobo de Pina

é juíza desembargadora e escritora em Cabo Verde.
Foi Ministra de Educação e Ensino Superior,
Conselheira do Presidente da República e
Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça,
entre outros cargos de destaque.

“

Maria Amélia de Almeida Teles






Conheci Matilde Ribeiro, em reuniões de mulheres que lutavam por justiça social, justiça racial e de gênero, ainda nos anos de 1980, na cidade de São Paulo.

Matilde se destacava pela voz mansa, cheia de inteligência, com vigor e firmeza, convidando todas a participarem das conversas e decisões. Esteve à frente de articulações pró reuniões preparatórias das manifestações do 8 de março, das lutas por creche, dos atos pela descriminalização e legalização do aborto, nas constantes ações públicas de enfrentamento das violências contra as mulheres. E nós, atendendo ao seu chamado, participamos das atividades nas ruas, dos seminários em sindicatos ou em universidades.

Organizamos também, juntamente com tantas outras companheiras, inclusive com a nossa saudosa companheira Nalu Faria, um dos Encontros Feministas, em 1989, que ocorreu em Bertioga, litoral paulista.

Quando fui trabalhar com Luiza Erundina, primeira prefeita eleita pelo voto popular, da cidade de São Paulo, me foi incumbida a tarefa de organizar, administrativamente, os conselhos e coordenadorias para garantir a participação popular.



Então procurei Matilde para colher dela sugestões de nomes e ideias para mobilizar os movimentos negros e compor a Coordenadoria Especial do Negro (Cone).

Mais tarde participei com ela, a seu convite, de seminários na cidade de Santo André, onde estive à frente da Coordenadoria de Políticas para as Mulheres.

Ali se discutiram, formularam e implementaram políticas públicas de enfrentamento da violência contra as mulheres - muito antes de se propor e sancionar a Lei 11.340/2006, a conhecida Lei Maria da Penha.

Matilde, agia com sua fala mansa e capacidade ímpar de discutir situações polêmicas, embaraçosas e conflituosas, sem perder a altivez, sem perder a calma e, com a certeza de que o diálogo e a escuta nos levam a um bom termo de entendimento. Assim caminhando, tornou-se Ministra da Igualdade Racial, no primeiro governo Lula, o que nos deixou orgulhosas. Quando se tornou acadêmica, professora universitária na UNILAB, no estado da Bahia, sentimos sua falta, nas reuniões preparatórias e, em outras atividades em São Paulo, já que era figura de presença assídua nos movimentos feministas antirracista e antissexista.

Matilde nunca perdeu sua maneira doce de ser e de fazer política.

Matilde, mulher inspiradora, tranquila, carrega na sua pele, no seu cabelo, no seu modo de falar, no seu olhar de frente, no seu sorriso, ora de alegria, ora de preocupação, no seu jeito de andar, os traços da resistência ancestral.

Muito merecido o título de Cidadã Baiana.

Ganha a Bahia, ganha o Brasil, e, nós mais uma vez, nos sentimos honradas por sermos representadas por esta mulher guerreira, cheia de potência e afeto. Viva Matilde Ribeiro, viva Luiza Mahim!

Maria Amélia de Almeida “Amelinha” Teles

é jornalista, escritora e ativista dos direitos humanos, sendo uma forte voz contra a Ditadura. Militante feminista, é diretora da União de Mulheres de São Paulo.



“

**Valéria Maria
de Massarani
Gonelli**





Participo dessa femenagem a Matilde, revivendo memórias sobre nosso encontro e amizade.


Encontrei com a Matilde em 1987, quando fizemos parte de um grupo de Assistentes Sociais do estado de São Paulo, que se organizava para assumir a direção do Conselho Regional da categoria profissional.

Éramos jovens, leves e soltas e sequer imaginávamos por onde a vida nos conduziria. Nesse movimento, nasceu uma grande amizade e companheirismo.

Nesse período, Matilde estava em transição profissional, deixando a direção da Creche onde trabalhava, para ir atuar na SOF- Sempre Viva Organização Feminista, que na época era ‘Serviço de Orientação da Família’.

Vivemos juntas esse período em meio à grande efervescência social e política dos 100 anos da face perversa da Abolição da Escravatura, onde ela foi representar o Conselho no Fórum de Organizações do Movimento Negro.

Arrisco dizer, que naqueles bastidores da história, no contexto da promulgação da Constituição Federal e da primeira eleição direta para Presidente da República, depois de 30 anos, nascera a Matilde Militante Negra.



Na SOF, Matilde atuava com grupos de mulheres organizadas no potente Movimento de Saúde da Zona Leste de São Paulo, contribuindo na organização e no fortalecimento do protagonismo das mulheres dentro do movimento. Nesse momento a SOF também iniciava sua trajetória na construção de um feminismo popular, contribuindo para a organização de mulheres na periferia Leste e Sul da cidade de São Paulo, forjando assim o Movimento de Mulheres. Matilde fez parte dessa construção e também se construiu nesse movimento, como mulher negra feminista, trabalhadora e liderança.

Em 1989, Matilde me convidara a trabalhar com ela na SOF. E assim fomos ficando cada vez mais próximas, mais irmãs - como nos tratamos.

Entre para a família Ribeiro, sendo considerada a “irmã branca”. Em muitas aventuras, participamos juntas de Encontros Feministas, organizamos manifestações, dividimos angústias e confidências, mas também nos divertimos muito.

Saímos da SOF e o mandato no Conselho Regional da Categoria dos Assistentes Sociais terminou. Tomamos outros rumos, sem, contudo, nos distanciarmos.

Anos depois, trabalhamos juntas na Prefeitura de Santo André, ela como Assessora dos Direitos das Mulheres e eu como Diretora no Departamento de Ação Social.

Em 2003, minha amiga-irmã Matilde, virou Ministra da primeira iniciativa político institucional de reconhecimento da desigualdade racial em nosso país.

Desde então, foram escritos vários capítulos na história social e política do Brasil que marcaram nossas vidas.

Prosseguimos lutando e persistindo diante das injustiças que também experimentamos.

Matilde, com sua força de mulher negra, continua espalhando graça, sabedoria e coragem no enfrentamento ao racismo, ao patriarcado, e às diferentes formas de desigualdade e opressão, como militante política, escritora, professora universitária e Ex-Ministra da Igualdade Racial.

Tenho muito orgulho e respeito por essa minha amiga-irmã preta!

Valéria Maria de Massarani Gonelli

é assistente social, especialista em Políticas Públicas e militante na Política Pública de Assistência Social.



“

Tatiana Dias Silva






O ano de 2003 trouxe para a população negra e para o governo federal uma nova perspectiva. Após um século de negação das desigualdades raciais como um problema governamental, estabelecia-se um órgão de promoção de igualdade racial no governo federal.

Com efeito, essa conquista não se deu de modo espontâneo, nem imediato.

A criação da SEPPIR foi resultado da mobilização negra organizada, das senzalas e quilombos, da frente e dos clubes negros, das ruas ao plenário do Congresso, durante a Assembleia Constituinte. Das ruas até a Marcha Zumbi dos Palmares.

De Durban até o primeiro governo Lula.

Também não foi conquista imediata. O Estado, para além de sua atuação na reprodução das desigualdades, foi sendo infiltrado por demandas de combate ao racismo e valorização da cultura afro, com leis e normativos de combate à discriminação direta, com a criação de espaços estratégicos, como conselhos e órgãos executivos, delegacias especializadas, no nível subnacional, até a criação da Fundação Cultural Palmares, primeiro órgão voltado para o tema racial no governo federal.



Foram esses passos, de longe, que levaram a querida Matilde a ser a primeira dirigente do primeiro órgão de Promoção da Igualdade Racial no governo federal. Em sua condução, pudemos experimentar os primeiros contornos da política de igualdade racial no governo federal, com a política nacional, o Fipir, o Conselho e a sinalização do Sinapir.

A partir do Ipea, acompanhei esses passos e hoje compartilho novos caminhos, que se espelham e se inspiram em sua trajetória profissional, de ministra e de intelectual generosa e dinâmica, e em sua trajetória pessoal, de mulher negra.

Tatiana Dias Silva

Diretora de Avaliação, Monitoramento e Gestão da Informação
Secretaria de Gestão do Sistema Nacional de Promoção da
Igualdade Racial
Ministério da Igualdade Racial

“

Douglas Martins





Matilde tem roteiros. Quando chamava reunião para alinhar as ações do Ministério da Igualdade vinha com seu papelório. Contávamos o tempo em laudas. Conforme o número, a coisa ia longe. As laudas são momentos da história preta sincera da república.

O episódio do quilombo Ivaporunduva que o diga. Bastava uma ponte e quinhentos anos de isolamento quilombola teriam fim. Mas para o Estado branco Ivaporunduva podia esperar outros quinhentos.

Matilde peitou o Planejamento, a Defesa, a Fazenda, o escambau! A ponte era uma exigência do Lula.

Mas... E daí?

Lula é uma coisa, Estado é outra. Para funcionar de verdade, Lula precisava de ministros que fossem pra cima do Estado em nome do povo.

Foi aí que vi uma ponte sair na capoeira. Naquela ponte tem uma pilastra. O nome dela é Matilde Ribeiro.

Douglas Martins

é jornalista, mestre em direito,
professor e doutor em filosofia.



“

Elis e Vitor Trindade





Conheci Matilde no elevador de um hotel em Recife, por ocasião da inauguração da estátua de meu avô Solano no Pátio do Terço. E estávamos todos muito felizes por aquele momento. Era o ano de 2008 em comemoração aos Cem Anos de Solano Trindade e vínhamos já de uma homenagem na FLIP em Porto de Galinhas, no mês anterior. Tempo e local onde conheci minha esposa a bailarina Elis Trindade.


“Vamos tomar um uísque” - a conversa com Matilde começou assim.

O encontro com Matilde foi muito forte e trocamos um milhão de diferentes “figurinhas”. E nos tornamos amigos muito especiais, tanto que no nosso casamento três anos depois, a convidamos para ser nossa madrinha!

Nossa querida madrinha Matilde nos trouxe muito axé e nos levou até sua família, a sua casa e ao seu conhecimento, nos tornando seus irmãos.

Matilde é família nossa. É gente de nossa casa, que pode entrar e sair a hora que quiser, dormir, cozinhar, ficar de pernas pro alto ou tomar um porre, reclamar da vida, o que for, o que quiser.

A gente marca um monte de encontros que não dão certo e outros mais ainda que dão. Nessas ocasiões, apresentamos nossos amigos uns para os outros e ficamos orgulhosos de dizer que a conhecemos. Exceto em uma vez (risos).



Foi quando estávamos na Avenida Paulista - época em que o prefeito da cidade havia proibido que os artistas de rua se apresentassem.

E encontramos um músico de rua, saxofonista, amigo nosso que parou a mim e a Matilde na rua e começou a criticar o prefeito dizendo que ia fazer queixa com a ministra Matilde Ribeiro!

Detalhe, em meio as reclamações ele pedia que se eu “a encontrasse” era pra contar a situação dos artistas de rua e tal. O engraçado é que Matilde estava bem ali e ela não disse nada - e eu menos ainda (risos)

Amamos muito esta mulher. A ministra a gente não conheceu, mas a negona é parça nossa!

Vitor da Trindade

é músico, educador, pesquisador e artista multimídia, reconhecido como o herdeiro e atual gestor do Teatro Popular Solano Trindade, localizado em Embu das Artes (SP).

Elis da Trindade

é intérprete-criadora, licenciada em dança e coordenadora/coreógrafa do grupo de dança inclusiva no Teatro Popular Solano Trindade.

“

Denise Ferreira





Querida Matilde Ribeiro, quero expressar minha profunda admiração e carinho por tudo o que você representa.

Desde nosso primeiro encontro, no Pelourinho - território de memória, cultura e resistência - até o reencontro na Serra da Barriga, no Quilombo dos Palmares, senti que estava diante de uma mulher cuja existência honra os passos de nossos ancestrais e aponta caminhos para os que vêm depois.

Você tem sido referência essencial para gerações do presente e será para muitas do futuro.

Sua trajetória política, acadêmica e afetiva nos ensina, como diz a filosofia Sankofa, que “não é tabu voltar atrás para buscar o que ficou esquecido”. Você nos convida, com firmeza e doçura, a revisitar nossa história para ressignificar o presente e, assim, construir um novo Brasil, mais justo, mais plural e com equidade racial. Seu exemplo me ajuda a me ver e me reafirmar como uma intelectual negra. Você abriu trilhas para que mulheres como eu possamos ocupar os espaços do pensamento, da ação e da transformação. Obrigada por existir, por resistir e por nos inspirar com tanta dignidade, generosidade, sabedoria, e humildade!

Denise Ferreira

é assistente social do Tribunal de Justiça da Bahia,
pesquisadora e autora da temática antirracista



“

Amailton Magno Azevedo






Foi no Rio de Janeiro que conheci Matilde Ribeiro. Eu, um jovem professor universitário, participava do Congresso de Pesquisadores Negros Brasileiros, que se realizava no ano de 2008. Findada minha mesa redonda, me dirigi até a lanchonete para comprar um café. Eis que se aproxima do balcão uma mulher elegante que pede o mesmo que eu. Trocamos olhares e ela do alto do seu cargo, me dirige um sorriso afetuoso e gentil. Fiquei pasmo, afinal porque aquela mulher já ministra sorria para alguém como eu?

Do contato inicial a inevitável conversa se estabeleceu. Seu sorriso me deixou confortável para convidá-la a fazer uma palestra na PUC/SP, universidade onde lecionava.

Ela topou de imediato. Desde então mantivemos contatos esporádicos ao longo dos anos. Ainda que esporádicos, sempre memoráveis, pelo menos para mim.

Lembro do mais recente, ocorrido em 2023, quando Matilde nos brindou com uma conferência na PUC/SP sobre as políticas afirmativas. Sem recorrer aos hermetismos acadêmicos, Matilde fez um ajuste de contas com sua memória pessoal desde a época de estudante na PUC/SP, os obstáculos superados para estudar e trabalhar, seu engajamento político na arena progressista e sua passagem pelo cargo de Ministra.



Devo destacar ainda, que sua conferência tocou no nó dos problemas crônicos do Brasil: o racismo. O recado dado era de que não haveria projeto de nação no século XXI se essa questão estrutural não for corrigida.

Aquela conferência reafirmava Matilde como uma intelectual brasileira, da qual deveríamos nos orgulhar.

Amailton Magno Azevedo

Historiador, escritor e pesquisador musical

Professor da PUC/SP

“

Silmara Conchão





Vemos aqui celebrar uma mulher que se destacou como grande referência na luta do movimento negro e feminista na minha cidade de Santo André, em toda a região do Grande ABC e também no Brasil: Matilde Ribeiro.


Na origem do meu reconhecimento feminista tive muita a sorte em tê-la como uma referência muito próxima.

Tantas coisas há para falar, mas quando penso em Matilde logo me vem à cabeça o conceito de ‘interseccionalidade’. Sim, antes desta perspectiva de análise existir no Brasil com esse nome, no final do século passado, aprendi que as dimensões de gênero, raça e classe tinham que caminhar juntas na implementação das políticas públicas.

Também com ela aprendi que Santo André era pequeno para nossa atuação e que a regionalidade nos fortalecia quando dei continuidade em seus trabalhos no Consórcio Intermunicipal do ABC.

Viajei o mundo porque a internacionalização também era uma realidade no caminhar de Matilde em solo andreense.

O fato é que quando Matilde assumiu a SEPPIR assumi o lugar dela na Assessoria dos Direitos da Mulher na cidade de Santo André (SP).



E lembro que no meu aniversário, em 2003, ela, já Ministra, esteve em minha casa para brindarmos. Guardo com carinho a foto, que registra as flores lindas que dela recebi e um cartão escrito assim: “Parabéns Silmara. Muita força. Somos importantes onde estamos!”

Minhas Deusas...que responsabilidade ter assumido aquele lugar que um dia foi da Matilde, que ainda hoje vive com rodinhas nos pés porque é cidadã do mundo! Ubuntu!

Silmara Conchão

é socióloga feminista.

Doutora em Ciências da Saúde, Professora Universitária.
Presidenta do CESCO – Centro de Estudos de Saúde Coletiva e
Ex-Secretária de Políticas para as Mulheres na
cidade de Santo André – SP.

“

Pedro Cavalcante






Conheço Matilde militante do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Partido dos Trabalhadores (PT) através da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT/PE e suas ligações nacionais. Mesmo antes da virada do século, já trabalhávamos como coletivo, enquanto PT e MNU defendendo uma agenda “pró negra”.

Com o mandato de esquerda na virada do século em Recife-PE (2000 a 2004) na Secretaria Estadual de Combate ao Racismo do PT ganhamos evidência nacional .

É a partir desse período que conheço a companheira Matilde Ribeiro. Nos encontros em Pernambuco, em Sergipe e Brasil afora.

De 2000 à eleição de LULA em 2003, cresceram os encontros, as conversas, as articulações e as forças para a produção de um projeto para o povo negro.

Tenho orgulho em dizer que nós de Pernambuco estivemos juntos com MATILDE antes da posse, na posse e durante todo o seu mandato nos mais diversos momentos.



Nas Conferências Nacionais, como a que foi realizada no Itamarati, fomos recebidos pelo então Embaixador Celso Amorim.

E mesmo com uma agenda cheia de compromissos, a companheira Matilde veio - desta vez como Ministra da SEPPIR - a Recife, como prometeu.

Esta visita de Matilde sempre estará guardada na memória, pelos momentos de reflexões e também os animados momentos de descontração.

Um xero no cangote, Moça!
Saudações Quilombolas!

Pedro Cavalcante Filho

Ativista antirracista, liderança do MNU em Recife-PE.

“

Marlise Vinagre






Revisitando memórias sobre o meu encontro com Matilde Ribeiro, lembro que estávamos vivenciando os idos dos anos oitenta do século passado, mais precisamente no ano de 1988, em pleno contexto da grande efervescência política de lutas pela defesa da redemocratização do país, quando conheci Matilde Ribeiro.

Eram tempos de sonhos e de construção de projetos societários e profissionais, voltados para os interesses da classe trabalhadora, na perspectiva da emancipação humana e de lugares e relações sociais sem dominação e nenhuma opressão, sobretudo de raça, etnicidade e de gênero.

Buscávamos tratar a classe social a partir dos sujeitos reais, de “carne e osso”, com seu pertencimento de cultura, raça, cor, gênero, orientação sexual e de outras clivagens determinantes na formação sócio histórica brasileira.

Foi um período extremamente fértil em que compartilhávamos afetos, alianças e militâncias. Matilde logo me chamou atenção como uma mulher potente e parceira nessa luta.



Foram várias as construções conjuntas a partir daí, destacando-se seu protagonismo na inserção do debate sobre raça e gênero na profissão do Serviço Social e nas políticas públicas junto aos governos democrático-populares, até que, de forma inédita, assume o cargo de primeira Ministra da Igualdade Racial deste país, e depois, consolida, até os dias atuais, suas contribuições na Universidade, como docente e pesquisadora.

Matilde Ribeiro, prazer e honra por este nosso encontro!

Marlise Vinagre

assistente social e professora aposentada da UFRJ,
presidente do CFESS (1990/93)

“

Márcia da Silva Clemente





Conheci Matilde Ribeiro, lendo seus textos. no período de 1996 à 1999 quando cursei a graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. E foi um divisor de águas, pois até então as leituras e debates sobre as inflexões do racismo na sociedade brasileira eram apagados da formação profissional.

Matilde, professora, assistente social, ministra, intelectual, militante, pioneira de lutas e batalhas coletivas, amplamente admirada e muitas vezes injustiçada. Uma biografia e bibliografia potente, dona de uma história de vida capaz de inspirar tanta gente sedenta de justiça social.

Matilde é água de oceano no deserto da ignorância perpetrada pelo racismo em nossa sociedade. Como professora, ela toma a missão do ensinar, com gosto e prazer e sempre traz o novo como mola propulsora de transformações sociais, intercontinentais e revolucionárias. Por isso, uma conversa com Matilde é sempre uma aula repleta de conteúdo histórico, político, social e humanista.

Hoje posso dizer que de admiradora, me tornei amiga de Matilde. Obrigada, Matilde!

Márcia da Silva Clemente

é assistente social e professora da UFRB,
com Doutorado em Serviço Social pela UFPE.



“

**Lucas
Scaravelli
da Silva**






Falar de ações sociais no Brasil, é pensar numa modernidade tardia. A educação do negro, ou o projeto de letramento de emancipação da população afrodescendente, depende de uma análise histórica da própria educação no país.

Matilde Ribeiro é uma importante personalidade histórica dentro dessa profunda análise do processo educacional do Brasil.

Se para o historiador inglês Eric Hobsbawm o Séc XX se encerra com a queda das torres gêmeas em 2001, para nós pesquisadores das relações raciais, aqui no Brasil nessa questão, ele se encerra em 2003: com o início oficial da implementação de políticas públicas de ação afirmativa.

E é exatamente a lei 10.639 de 2003 o toque de pedra da primeira Ministra negra da história desse país, e porque não dizer o Toque de Ayrá, orixá representativo da Justiça, mas com uma leitura mais branda em seus enfrentamentos por ela, nas tradições nagô. Matilde representa essa ode diplomática, correta e justa, também, na busca por alinhar os caminhos dos nossos antepassados.



Na canção Yayá Massemba de Roberto Mendes e conhecida na voz de Maria Bethânia, os versos do refrão reforçam a trajetória da homenageada;

“Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas...”

A garantia de fomentar o enriquecimento curricular na educação de base, com a história e cultura afro-indígena, as vagas reservadas à população preta, parda e indígena nas universidades e posteriormente nos concursos públicos, fazem parte desse esforço xangôzístico de Matilde Ribeiro para fortalecer uma agenda de reparação histórica que perdura e ressoa aos dias de hoje.

O historiador Petrônio Domingues em seu texto “Movimento Negro: alguns apontamentos históricos”, divide as ações negras na história em gerações, sendo a 1^o delas O Quilombo dos Palmares e os Movimentos Revoltosos no Brasil Colônia e Império; a 2^a geração já no pós abolição, representada pelos movimentos literários negros, a imprensa negra e o Teatro Experimental do Negro; e a 3^o geração, uma reorganização após ditaduras e golpes seguidos em 1978 e o surgimento de alguns organismos negros como o MNU e a geração responsável pela luta e confirmação das políticas públicas que se consagram na gestão de Matilde à frente do SEPPIR.

Eu que vos escrevo fazendo essa homenagem, sou herdeiro da 3ª geração, fruto dela e pertencente à 4ª geração beneficiária dessas políticas.

Como herdeiro dessas conquistas e processos, e tendo Matilde como madrinha dos meus passos na militância e vida acadêmica, nessa homenagem saúdo a filha de Ayrá, pedindo forças para que venham justas mudanças !

Pokon Opukedê – Ayrá!!!

Lucas Scaravelli da Silva

é educador, graduado em Pedagogia e História,
Doutorando em Antropologia.



“

Leila de Almeida Ramos






À eterna primeira Ministra Matilde, um acróstico

Mar maior que mãe
Altivez da África
Terra
Iluminada
Livre leonina em luta
Decidida a dedicar-se
Esperançar em esperança

Rainha
Inventiva
Bela
Exuberante
Intensa
Remante a remar a reinvenção do AQUILOMBAR-SE no
Oceano da vida

Evolução é a palavra, no domingo da pedra roxa ou laranja, no pós verde-lilás de ontem, na femenagem de manas e para a mana no contra poema de Martinha. Porque hoje é dia de Raquel, vem o prazo derradeiro do texto em meia lauda, que possa contemplar a guerreira forte, combatente cheia de energia. Senhora soberana, determinada, carismática, com coragem para iluminar a vida de todas ao seu redor.



Matilde Ribeiro, antes, a Ministra admirada pela altivez e determinação, acompanhada na mídia, na ocupação da cadeira central da SEPPIR.

Poderosa rainha do governo primeiro do povo brasileiro. Porém, da tragédia que nos abateu, na possibilidade do extermínio de nossos afetos, na força do vírus e na incapacidade do não executivo à frente da nação, talvez pela ancestralidade que nos atravessa, aproximada pelas boas amigas que nos apresentam a saída, nasce o “Comitê Esperançar”. Reunião semanal, em espaço virtual, para pautar ações necessárias que devolvessem nossa humanidade e a presidência ao menino de Dona Lindu. Após a tarefa cumprida, o encontro a celebrar YVY, em sala Pontífice, encontro a Primeira Ministra a acolher a todos num abraço maior que África.

E assim nasce a Estrela Aurora, que acorda a todos com a poesia da vida, em mensagens nas redes sociais, propagando amor em versos, de amores diversos.

Leila de Almeida Ramos

é educadora e ativista feminista,
na defesa de políticas públicas para mulheres

“

**Francisco
Vitor
Macêdo
Pereira**





Chegado o fim do dia, cumpridas as tarefas de professor, eu me preparava aqui para escrever um pouquinho sobre as memórias com a Matilde, e também com a Malu, porque a gente tava sempre juntas. A apreensão com esse compromisso assumido com a Valú, a vontade de escrever algo bem bonito, à altura dessa femenagem, me deu fome. Resolvi então excursionar na geladeira, antes de abrir o computador. E não é isso que a Matilde também faz: assaltar a geladeira, nas noites de apreensão, diante da escrita? Lembrei disso e então me danei a rir.

A sensação que tenho é a de que alimentei já dei de comer à minha santa, e que ela agora está em terra, assentada no meu transe, muito viva junta a mim e pronta para escrever comigo algo bonito sobre nós, não me deixando mentir, nem faltar com a importância do que temos a memorar, e comemorar.

Conheci a Matilde em 2015, em um curso de Especialização do Uniafro na UNILAB, no qual eu estava de gaiato, como aluno.

Lembro da disciplina, Movimentos Sociais Negros.

Ela falava com entusiasmo do último livro lançado, Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Brasil (1986-2010), decorrente de sua tese.



Eu não queria perder nenhum detalhe daquela aula. Por isso, sentei bem na frente.

Ser aluno da Matilde é fácil: ela tem a capacidade de dizer tudo o que tem a ser dito, nos marcando profundamente, não tomando mais que meia hora.

E faz isso usando os olhos, entre um pequeno esgar e um tom de simpatia, misturando desafio em sua voz.

Meu Deus, que mulher elegante! - pensava enquanto a ouvia.

O cabelo com um corte geométrico. A fala com conteúdo, conduzida pela pessoa responsável pela efetivação da política reparadora de cotas neste país - a primeira, e até ali única, Ministra da Igualdade racial do meu tão amado Presidente Lula. Bom, o fato é que terminei o curso e só voltei a vê-la mais de três anos depois.

Nesse meio tempo, resolvi dedicar-me a estudar a obra de Matilde Ribeiro.

O estudo do livro dela foi base para a escrita do livro que escrevi depois, junto com as Professoras Vitória e Rosângela, sobre feminismo negro (Feminismo Negro: educação antirracista e a antissexista na Unilab, lançado em 2021, pela Mentis Abertas, de São Paulo), para o qual a Matilde escreveu um prefácio tão porreta, mas tão porreta, que - ao meu ver - ficou bem melhor do que o resto do livro todinho (é o incrível poder de síntese que ela tem!).

Certa vez ouvi rumores de que a Matilde viria para o Ceará. Eu não acreditei, mas era a mais pura verdade: vi a Matilde em Palmares, dando aula já no final de 2019. Nessas novas oportunidades de trocas, eu a enchia de perguntas e ela, generosa, tudo me respondia - com a condição de que saíssemos para passear e que também conversássemos sobre bobagens, vez ou outra.

Passamos então a estar sempre juntas por aí e no apartamento dela na Maraponga, entre os sucos e preparos da Malu, as histórias de santo dela e as lembranças e ensinamentos políticos da Matilde. Como fui e sou graciado pelo convite ao convívio com essas musas paulistanas.

Como a vida me foi e me é generosa por Matilde e por Malu.
Amo vocês!

Francisco Vítor Macêdo Pereira

é Doutor em Filosofia, Graduado em Direito, Filosofia,
Pedagogia, Antropologia, Letras e História.
Professor efetivo Associado na UNILAB



Evaldo Ribeiro Oliveira

”

“

Ivan Costa Lima






Na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, no Ceará, Matilde Ribeiro integra o curso de Pedagogia.

E temos imensa satisfação, como coletivo do curso de Pedagogia da Unilab/CE, participar deste livro-homenagem à Profa. Dra. Matilde .

Ter uma docente, que foi ministra é além de peculiar e importante, enriquecedor, no compasso que sua bagagem política e social como gestora no cenário federal, nutre seu atual contexto de formadora.

Sua atuação no curso tem permitido formar/fundamentar uma futura geração de pedagogos/as, para agir afirmativamente, desconstruindo estereótipos, desafiando e rompendo com o silêncio sobre a história, as lutas e os direitos da população negra. Por isso, entendemos que Matilde não é apenas professora na Unilab, ela é conteúdo, história e patrimônio. Assim considerando, pensando em posicionar sua contribuição à sociedade, variados núcleos de pesquisa se reuniram para sistematizar sua trajetória social, política e intelectual como ministra da Igualdade Racial do governo Lula, no período de 2003 a 2008.



O projeto apresentado ao Pibic/Unilab - Edital Proppg 01/2023, foi coordenado pelo professor Ivan Lima tendo como bolsista Francisco Gabriel Pereira Nascimento de Farias.

Nosso estudo evidencia a professora Matilde como uma agente pública, em especial, por ser uma mulher negra, que representou e representa um projeto político de mudanças sociais; resultando, sem dúvida, na implementação de políticas públicas com foco na população negra.

Por isso aqui estamos para lhe homenagear e reverenciar!

Prof. Dr. Evaldo Ribeiro Oliveira

Coordenador do Curso de Pedagogia da UNILAB

Prof. Dr. Ivan Costa Lima

Vice coordenador do Curso de Pedagogia
Unilab/CE

“

Elen Coutinho






Matilde Ribeiro é farol da luta antirracista. Companheira petista de longa data, é inspiração para a minha geração e para as que vieram depois.

É sinônimo de compromisso com as lutas sociais, com as mulheres, com o povo negro. É rigor e ternura, estudo e prática, educadora no sentido mais profundo da palavra, uma educadora popular, que também é uma intelectual refinada.

Poderia falar de Matilde sob muitas perspectivas, todas atravessadas por meu olhar de profunda admiração. Mas, como diretora da Fundação Perseu Abramo, quero destacar sua imensa contribuição ao trabalho que desenvolvemos na instituição.

Na Bahia, costumamos dizer que alguém é “pau pra toda obra” quando se dedica com disposição e generosidade a cada chamado. Matilde é exatamente isso: sempre pronta a colaborar, somar, construir. Temos imensa gratidão por sua entrega e compromisso. Na Fundação, Matilde integra o Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas (NAPP) de Igualdade Racial. Em 2022, coordenou a releitura do Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil - trabalho que resultou no artigo “Ações afirmativas como eixos para a política de igualdade racial”, publicado no Caderno Temático Igualdade Racial.



Na área da memória e da formação política, sua presença tem sido igualmente essencial. Participou do Ciclo de Diálogos Paulo Freire (2021) e do ciclo Independência e Escravidão: duzentos anos de luta pela independência do Brasil (2022). Em 2024, esteve conosco em Salvador no ciclo Ditadura Nunca Mais, contribuindo com sua leitura crítica e sua vivência histórica.

Na ocasião em que o país relembrou os 60 anos do golpe militar, que destruiu vidas e interrompeu processos democráticos, Matilde compartilhou suas memórias em artigo publicado na edição especial da Revista Teoria e Debate. Aliás, é também na Teoria e Debate que encontramos diversas contribuições valiosas da militante intelectual Matilde Ribeiro: entrevistas e artigos que aprofundam reflexões sobre as relações raciais e a construção de políticas públicas.

O Centro Sérgio Buarque de Holanda tem se beneficiado especialmente de sua atuação.


Matilde concedeu uma importante entrevista de história oral no projeto de memória da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT, gravada em duas etapas, onde narrou a trajetória do movimento negro, a criação da Secretaria e o percurso que levou à formulação de políticas públicas de igualdade racial no Brasil, com destaque para a criação da SEPPIR, da qual foi a primeira ministra.

Também conduziu a roda de conversa “Trabalho doméstico tem que ser decente”, realizada em Salvador, e colaborou com o planejamento do eixo Memória da Luta Antirracista, atualmente em andamento.

Em 2025, Matilde colaborou na organização do seminário Cinco Décadas de Independência e Percurso dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), promovido pela FPA e pela UFABC em São Bernardo do Campo. O seminário refletiu sobre os impactos do colonialismo e os desafios contemporâneos em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Além de contribuir na concepção do evento, Matilde participou como debatedora.

Na Fundação, ela também integra o coletivo de companheiras petistas que formula e debate o feminismo e sua construção no interior do PT. Sua reflexão estará presente na próxima edição da Coleção Nalu Faria, com um artigo que aborda a urgência de um feminismo antirracista e popular.

Falar de todas essas ações, e de tantas outras, é reconhecer em Matilde a intelectual militante e a gestora comprometida com a transformação do Brasil, com a emancipação dos povos oprimidos e com a preservação da memória viva das lutas populares.



Matilde é uma força que se move pelo coletivo. Dizer isso é afirmar, com alegria e honra, o quanto é grande tê-la como referência e companheira de caminhada.

O trabalho incansável de Matilde Ribeiro é tão valioso que merece ser difundido em todo o Brasil. Reconhecer e celebrar sua trajetória é, acima de tudo, um ato de justiça para com quem tanto contribuiu com a luta antirracista em nosso país.

Como baiana e entusiasta da memória dessas lutas, senti que era imprescindível homenageá-la, por isso, dialoguei com o companheiro Deputado Estadual Marcelino Galo, líder do PT na Assembleia Legislativa da Bahia, para que Matilde recebesse o reconhecimento público por sua dedicação.

A Bahia, onde a ancestralidade africana vibra, acolhe Matilde como cidadã baiana, comprometida com a liberdade, a igualdade e a dignidade do nosso povo.

Elen da Silva Coutinho

Economista

Diretora da Fundação Perseu Abramo

Membro do Diretório Nacional do PT

“

Edna Regina da Silva






Eu trabalhava no Sindicato dos Assistentes Sociais do Estado de São Paulo , sito à Rua Calixto da Mora, 75 – Vila Mariana/SP. Sendo também estudante de Serviço Social, eu participava do movimento estudantil – SESSUNE – Sub-secretaria de Serviço Social na UNE, nos encontros do ERESS e ENESS.

Naquele período, Matilde compôs a diretoria do Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) nas Gestões: 1987 a 1990 e, de 1990 a 1993.

Como eu trabalhava no sindicato - que integrava o conjunto de entidades representativas da categoria profissional de Assistentes Sociais - pude vivenciar e presenciar a atuação das Conselheiras do CRESS, com destaque para o trabalho da Matilde Ribeiro que representava no movimento, o recorte de gênero e raça, guardando o lugar dos interesses e lutas das mulheres pretas - em um contexto que ainda éramos minorias nos debates e nas representações classistas.



Sendo a Matilde Ribeiro uma mulher e profissional preta, sempre assumindo sua negritude e com posicionamentos importantes junto às entidades de classe, sua presença, posição e postura políticas me serviram como parâmetro e referência para continuar participando dos movimentos populares antirracistas. Obrigada Matilde, por me ajudar a ressignificar meu lugar de mulher e profissional, no processo de construção da minha própria cidadania, caminhada iniciada naquele período.

Edna Regina da Silva

Assistente Social

Trabalhadora na Prefeitura do Município de São Paulo

“

Cristiane Santos Souza





Em 2014, conheci Matilde pessoalmente quando fomos assumir o concurso público para docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), na Bahia. Referencial de intelectualidade e luta, tê-la como colega é uma honra. Afinal, como Ministra de Promoção da Igualdade Racial, foi responsável pela criação de políticas de democratização do acesso ao ensino superior que transformaram o perfil de estudantes das universidades do país. Nos anos de convivência, encontrei na simplicidade, generosidade, solidariedade e empatia valores genuínos que caracterizam suas relações. Matilde é uma mulher que se movimenta para subverter as hierarquias que alimentam as desigualdades. Compartilhar as lutas e conquistas da vida com ela é um presente que a ancestralidade proporcionou.

Cristiane Santos Souza

é Doutora em Antropologia Social
e Professora Adjunta na UNILAB




“

Bárbara Oliveira Souza





Matilde Ribeiro é daquelas pessoas que marcam as nossas vidas de forma profunda. A experiência de Matilde, formada em Serviço Social, que dedicou sua vida à defesa dos direitos humanos, à promoção da equidade racial e de gênero, sempre trouxe no cotidiano de nossa convivência trocas muito ricas e afetuosas. Tive a super oportunidade de conhecer e conviver com Matilde Ribeiro no primeiro órgão federal voltado para coordenar e articular políticas de igualdade racial, no início do primeiro mandato do presidente Lula, na então Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, criada em 21 de março de 2023. Quando eu tinha 24 anos, em março de 2024, me integrei à equipe da SEPPIR na equipe da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais, para apoiar a construção do Programa Brasil Quilombola. Foi nesse processo árduo e inspirador de criação de políticas inovadoras de igualdade racial no Brasil que pude interagir de forma cotidiana com Matilde Ribeiro. Nossa querida primeira ministra de Igualdade Racial do Brasil coordenou e atuou na gestão e articulação dessa Política de forma inovadora e, também, apoiou a formação de jovens como eu, que entusiasmada, compunha sua equipe.



Nesse período, vivenciamos momentos únicos, como as vivências culturais com referências da luta antirracista e da música brasileira, como Leci Brandão e Sandra de Sá, além de experiências em contextos únicos como o Fórum Social Mundial em Nairobi.

Após esse período, sempre mantivemos o contato, como na participação de Matilde no Seminário Internacional Identidades e Mobilizações Coletivas, em Havana, Cuba, e nas várias reuniões para projetos e parcerias acadêmicas e militantes voltadas à pauta da igualdade racial e à luta contra o racismo.

Com muito afeto, finalizo essa mensagem destacando a especialidade que é ter Matilde Ribeiro como nossa referência nessa caminhada de lutas por direitos e equidade - sempre com um bom samba e risadas.

Bárbara Oliveira Souza

é Doutora em Antropologia pela UnB
e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da UnB.



**Augústa
Santhos**

”

**Suelma
Inês de
Deus**



“

**Vanessa
Daniela
França**





Matilde é referência para o Serviço Social! O Grupo de Estudo das Relações Étnico-raciais no Serviço Social – GERESS, registra a admiração por Matilde, assistente social, intelectual, mulher negra aguerrida. Quanto Matilde nos inspira com sua trajetória profissional, acadêmica e desenvolvimento intelectual?

Muito, imensamente!

Com Matilde acreditamos que é possível vencer o desafio e se firmar como intelectual, como profissional crítica diante de uma realidade que oprime pessoas negras, independente do gênero, da idade e da classe social. Matilde relatou ao grupo os desafios da sua trajetória acadêmica, fato determinante para que as/os companheiras/os do GERESS se sentissem fortalecidas/os a seguir na pós graduação. A femenagem que você recebe hoje **MATILDE**, é por você ser quem é, por caminhar conosco e por transformar vidas.

Augústa Santhos

Vanessa Daniela França

Suelma Inês de Deus

são assistentes sociais e integram
o grupo GERESS, de São Paulo.



“

Eduardo Augusto Farias





Sendo eu homem negro e assistente social, já conhecia a Profa. Dra. Matilde Ribeiro por meio de seus textos em revistas científicas e de sua luta voltada à afirmação dos direitos raciais no Brasil, como Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Mas nossos caminhos se cruzaram, por intermédio da Nova Práxis Editorial, lendo seus livros e tendo a honra de participar de algumas lives em sua companhia. Ficamos mais próximos quando a convidei – e ela gentilmente aceitou – para ser integrante da banca de minha qualificação para o doutorado em educação.

A Qualificação ocorreu no dia 20/06/2024 às 14 horas, contando com o brilhantismo da Profa. Dra. Matilde Ribeiro, tecendo comentários e sugestões que acatei, com grande admiração. Para mim, Matilde é referência, é respeito, é empatia, é ética profissional e sensibilidade, que demonstra caminhos a percorrer, sempre embasada por fortes argumentos teóricos e críticos, sustentados em sua vasta experiência enquanto Ministra da (SEPPIR), Professora Universitária, e Assistente Social.

Eduardo Augusto Farias

é assistente social, professor, pesquisador e autor



“

Galeria de Fotos









16°CCBAS **ESTANDE 35**

COMPARANDO PROBLEMAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
40 ANOS DA "VIBRAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL"

NOVA PRÁXIS
EDITORIAL

www.novapraxiseditorial.com | [@novapraxis](https://www.instagram.com/novapraxis)

WEBINÁRIO
**QUESTÃO SOCIAL,
POLÍTICAS SOCIAIS
E DIREITOS JÁ!**

17, 18 E 19 DE ABRIL, DAS 14H ÀS 17H
2022

www.novapraxiseditorial.com

NOVA PRÁXIS
EDITORIAL

TEMAS INOVANTES

**MULHERES
NEGRAS EM
MOVIMENTO**

- MATILDE RIBEIRO -

NOVA PRÁXIS
EDITORIAL

VOL. 1













Metalúrgicos do ABC parabenizam Matilde Ribeiro pelo título Honoris Causa

HONORIS CAUSA

Foi com grande satisfação que os Metalúrgicos do ABC receberam a notícia que a colega Matilde Ribeiro recebeu da Universidade Federal do ABC (UFABC) o título de "Doutora Honoris Causa", na última terça-feira, 21.

27 de setembro de 2023

Compartilhar



Unilab deu as boas-vindas a Dra. Matilde Ribeiro, nova diretora do Campus dos Malês

05/11/2015 Educação, Notícias, Sem categoria, UNILAB





Ministra Matilde Ribeiro defende luta contra a discriminação

Da Redação | 13/05/2020, 00h00



[Entrevista] Matilde Ribeiro: professora, assistente social, gestora pública e ícone do movimento negro.

Neste ano, a professora é a homenageada do V As Pretas na Unilab durante o "Julho das Pretas", agenda organizada nacionalmente pelos movimentos de mulheres negras. Confira entrevista completa.

Por Flávia Paula de Almeida de Azevedo

Matilde Ribeiro conversa com Flávia Paula de Almeida de Azevedo para o projeto de pesquisa '...'



A obra foi editada pela Nova Práxis Editorial, usando as fontes Elephant para os abre capítulos, Fraunces para o corpo do texto e para o currículo dos autores.



Que a assistente social, professora do ensino superior, escritora e Ex-Ministra da Igualdade Racial do Brasil, MATILDE RIBEIRO, tem uma trajetória forjada nos movimentos sociais, na resistência preta, política, feminista e antirracista, rumo a uma sociedade mais justa e democrática, isso todo mundo já sabe! Matilde é e sempre será nossa primeira ministra de Igualdade Racial. E, guiada por sua coerência, leveza e base político-crítica, sua presença nos coletivos por onde passa sempre agrega, acolhe, aproxima e fortalece. O presente livro conta um pouco de sua história. Mas com um diferencial: a narrativa parte de quem a conhece e a acompanhou ao longo de sua trajetória. Prepare-se para se emocionar ao conhecer mais sobre Matilde através das lindas narrativas e fotos, apresentadas por seus amigos e admiradores. O livro é organizado pela amiga, colega de profissão e editora Sarita Amaro.

Sobre a Coleção

Biografias & Práxis

A Coleção Biografias & Práxis nasceu para destacar aquelas pessoas que nos marcam positivamente, tocam nosso coração, nos conectam ao melhor de nós mesmos ou com nossas melhores emoções. Nos referimos àquelas pessoas incríveis, inspiradoras, que se destacam no que fazem profissionalmente, no meio artístico ou na literatura. Mas que, principalmente, se singularizam por seu diferencial, no seu modo de ser, de emocionar, de se comunicar, de impactar.

São pessoas extraordinárias, no modo como caminham, se manifestam e marcam sua presença no mundo.

Pura práxis!

E como gesto de admiração, contamos um pouco de sua história nos volumes da Coleção Biografias & Práxis.



NOVA PRÁXIS

EDITORIAL